

Meu tio Azougue

(Condensado do «Book of Uncles»)

Por R. P. Tristram Goffin

Os tios são uma raça à parte, criada para salvar as crianças de se tornarem tão desenxabidas quanto os pais. Têm eles o direito de ser naturais onde um pai o não pode ser. Aos tios é permitido, por exemplo, empanturrar sobrinhos e sobrinhas de sorvetes e bombons, visto que não têm obrigação de sentar toda uma noite à cabeceira dos meninos doentes... Não lhes custa, por outro lado, aconselhar um belo dia os pequenos a gazear a escola, e cair na brincadeira, visto como não são eles que terão que assinar no mês seguinte os boletins escolares.

Afora as vacas de leite e os cães de caça, serão os tios, no mundo, as únicas criaturas que têm horas de lazer. Os pais, em regra, não têm tempo sequer para aturar os próprios filhos: andam demasiado ocupados em ganhar o necessário para o pão, e a manteiga, e os calçados. Os tios, muito ao contrário, dispendo de muita folga, sentam-se a contar suas histórias, enquanto os pobres dos pais se vão desmanchando em suor. A meninada não respeita os tios; mas gosta deles.

Onde quer que a vida corresse mais animada, mais viva, sobretudo mais ruidosa, podia-se ter por certo que Tio Tim, o irmão caçula de meu pai, aí estaria presente. Era um pândego de marca, um contador de anedotas, a alma de quanto sarau a que desse o seu



concurso, bom na dança e na viola,—sal, pimenta, e glória da família.

Meu pai o tomou a si depois da morte do pai. Tentou, quanto pôde, adaptá-lo à vida normal da civilização, ao matrimônio e aos negócios: tão bem ou com o mesmo êxito com que poderia ter tentado desatar um nó de corda ao sopro do noroeste, ou manter uma gota de azougue no gume de uma navalha. O azougue é vivo, e muda sempre de planos; está aqui, ali, por toda a parte, sem maior advertência, e súbito se mete pela relva, onde ninguém mais o encontrará. Tio Tim era tal e qual.

Os astros conspiravam contra a hipótese de Tio Tim manter-se num emprego. Quando meu pai lhe arranjou uma colocação num moinho, o moinho pegou fogo, e apuraram que a causa do desastre havia sido o cigarro que, até dormindo, ele trazia na boca. Meu pai não desanimou; empregou-o numa sertaria. Mas Tim metia na serra toros de tal porte, que não tardou muito a escangalhá-la, fazendo-a saltar aos pedaços, que ele escondeu discretamente no mato, não voltando jamais, é bem de ver, para ajustar contas com o patrão. Ficou a ser para sempre o Benjamin, que armava situações das quais havia tirá-lo, mas em quem os irmãos mais velhos achavam uma graça infinita.

Tio Tim dansava tudo, fosse a dança

moderna ou antiga, deste ou daquele povo ou continente. Movia com tamanha agilidade os dedos ou as pontas dos pés, que ainda os olhos mais agudos teriam dificuldade em acompanhar-lhe as evoluções coreográficas. Dir-se-ia que tinha nas juntas a mobilidade de uma giga, e música na massa do sangue.

De uma voz, clara e límpida, de tenor, que só lembrava um canário, educado para a ópera, passava, de repente, se queria, para um tom grave de baixo, semelhante ao de certas rãs na estação amorosa. Era só projetar o queixo, mover com os olhos que se tornavam luzentes, fazer com a garganta e os músculos algumas combinações misteriosas, e as notas, altas e baixas, vinham jorrando na mais completa harmonia.

Não havia, por outro lado, instrumento musical que Tio Tim não tocasse. Dessem-lhe um tubo ou uma cana, e seu sopro arranjava meios de tirar daquilo algum som agradável. Se encostava a boca a uma trombeta, trompa, ou coisa que o valha, qualquer tocador experiente, ainda de instrumentos mais perfeitos, não ocultaria o seu espanto ante os incríveis arpejos que se faziam ouvir. Nenhum organista, a seu turno, teria imaginado que o órgão pudesse dar o que dava uma simples gaita tocada pelo Tio Tim. Quando ele, inclinando a cabeça, deixava quase pender o longo bigode negro sobre os bordos de uma gaita, e entrava a tocá-la apaixonadamente, era como se ondas rebentassem nos derradeiros recifes de um oceano perdido.

Canções, cantigas, não só as sabia às centenas, mas ele mesmo as ia compondo novas, algumas capazes de fazer enrubecer homens barbados, embora nunca os entoasse o autor sem revelar nos

olhos a candura de um menino de dez anos. Eram canções e toadas sobre variados assuntos, desde criminosos insubmissos, a seguir para as masmorras, até moças puras como anêmonas, que chegavam a murchar e morrer se um homem olhava para elas. Mas canções cujos hérois fossem homens, só falavam de cavalos e bebida; para as mulheres, eram tudo lágrimas e puro amor. Cantava também hinos religiosos, sem embargo de nunca ter visto o interior de uma igreja.

Ninguém, na cidade, o vencia, em agilidade de pernas, ou força de punhos. Com aquelas, transpunha, sem tomar balanço, uma cerca, fosse da altura de metro e meio, e mais. Derrubava um homem duas vezes mais forte; e depois de por nocaute um atleta, ao boxe, batia os jovens mais lépidos numa corrida de 100 metros. Para tirar os sapatos, a camisa, e encantar a pequenada com quanta proesa física lhe vinha à imaginação, não se fazia rogar.

Mas o maior pendor de Tio Tim era para as travessuras de todo gênero. Amarrava um tijolo no rabo da vaca do sr. Snodgrass, de modo que este pudesse tirar o leite em paz, sem receber, a pequenos intervalos, uma vergastada no rosto; mas, quando a vaca punha a cauda em ação, Snodgrass rolava por terra, e aí ficava por alguns momentos numa paz artificial.

Havia já vinte anos que a viuva Nye e Peter Jordan saíam a passear. Tim retirou as pranchas que se estendiam sobre um poço seco por onde eles passavam. Resultou que os dois foram ao fundo, e ali ficaram toda aquela noite, o que deu que falar à gente do lugar, obrigando-os a casar-se logo no dia seguinte, montando casa acima da flor do chão.

Foi Tio Tim quem teve a idéia de por whisky *bourbon* no vinho de framboesa, por ocasião de um piquenique do Livre-Arbítrio Batista. A notícia se espalhou, e as multidões afluíram, para conhecer a novidade. Foi como se todo o mundo se decidisse, ao menos por um dia, a rezar pela cartilha batista! Também passou em julgado que, durante meio século, nunca fora tão animada a festa do livre-arbítrio. Gastaram-se depois horas a reunir os batistas, permanentes e temporários, para que regresassem, cantando, à vida cotidiana.

Tio Tim trazia os sobrinhos—filhos, uns, de seus irmãos, outros, de suas irmãs—todos eles de olhos alerta, e nas melhores condições físicas possíveis. Suas irmãs e cunhadas se escandalizavam das bonecas articuladas que ele fazia, de madeira e à faca, para as sobrinhas, aliás com grande arte. É que havia um completo realismo nas suas concepções da beleza feminina em estado de nudez. As meninas, ainda as mais crescidas, não podiam brincar com as bonecas, que eram, muito de indústria, relegadas a uma alta prateleira, a elas inacessível.

Aos sobrinhos, ensinava Tio Tim como tirar as melhores maçãs, das árvores mais altas, e não obstante a vigilância dos guardas mais atilados; como pescar a melhor truta no mais fundo pego da ribeira; como guardar o sangue-frio na luta. Depois de uma visita que ele fizesse, era certo que os visitados teriam que restabelecer a ordem na casa, porque os meninos davam todos para o imitar, e era preciso castigá-los, entre outras razões por terem andado a ensaboar a escada que dava para o fundo, de maneira que o criado descia sentado...

A primeira vez que Tio Tim se ausentou, foi ao partir para a Guerra

Civil. Tanto quanto pude recolher da tradição de família, foi aquilo uma guerra civil, enquanto ele se não alistou para combater: daí por diante assumiu um caráter muito sério. Nenhum general desejava tê-lo nas suas fileiras. O seu regimento não chegou propriamente a figurar em batalhas regulares, tantas foram as escaramuças em que meu tio o envolveu ao longo do Potómac...

Não escapou Tio Tim a uma experiência do casamento. Talhado, é bem de ver, não fora ele para dono de casa ou pai de família. Daí, entretanto, pode ser que, se o seu primogênito houvesse vingado, lhe viesse com isso o estímulo para fundar neste mundo a raça de homens-azougue, de que tanto precisamos. Quando, porém, o pequeno, que tanto o enfeitigara, morreu de difteria, a chamada vida do lar não mais o interessou. Separou-se da mulher, depois de tê-la feito adormecer ao som da guitarra. Depois, mergulhou furtivamente na noite, deixando-lhe como lembrança a guitarra, a melhor que possuía. E se não lhe deixou a carteira, foi porque estava vazia.

UM BELO DIA de outubro, Tio Tim deve ter sentido alguma coisa de amargo. Viu talvez ao longe o quadro daqueles serões longos e calmos, ao lado da lareira, os irmãos esperando que ele dansasse, e ele sem força nas pernas para dansar. E Tio Tim se sumiu do quadro, sem que ninguém percebesse que ele tivera um instante de seriedade e apreensão. Estenderam-lhe a última prancha, e por ela se foi para não mais voltar. Meu pai o mandara a Falmouth, com uma carga de peixe. Vendida a cavala, ele vendeu também a chalupa. Os dólares tinham a propriedade de abrir-lhe

buracos nos bolsos. Não se soube mais de Tio Tim.

Uma sombra caiu sobre os irmãos. Quando chegava a noite, cada um sentia a casa triste, e mais duro nos ombros o peso da idade. As cantigas de Tio Tim, como que ainda chegavam na voz do vento do Maine, que sacudia o telhado da casa.

Meu pai, incumbido pelos irmãos de descobrir Tio Tim, e fazê-lo voltar aos penates, renunciou a quaisquer outros serviços, e, durante quase um ano, andou no encalço do desaparecido. Mais de uma vez pareceu-lhe que tinha encontrado a pista. Em certa sala de bar da zona do Bowery, em Nova York, alguém havia cantado com voz tão seráfica, que até aos homens mais rudes havia arrancado lágrimas. Tratar-se-ia, talvez, de Tio Tim. Numa casa de gente humilde, no bairro marítimo de Filadélfia, certo hóspede pagara a conta da pensão contando histórias amáveis que iluminaram por alguns momentos o sórdido ambiente. Devia ser Tio Tim. Numa solitária cabana do Kentucky, uma família se deliciara, três dias consecutivos, com as dansas de um homem que por ali passou, nem tão belas jamais tinham visto aqueles serranos. Quem sabe se não fora Tio Tim? Daí, o rasto se encaminhou para o sul; era lógico o seu percurso, em busca das regiões onde o inverno é mais ameno.

Mas os vestígios se foram tornando cada vez mais indefinidos e escassos. Quando meu pai voltou, desenganado, às atividades normais, tinha envelhecido dez anos.

Senão quando um jornal deu a notícia de um homem do Maine, que morrera, de varíola, numa mansarda de Nova Orleães. Meu pai escreveu e telegrafou uma dúzia de vezes, pedindo

esclarecimentos. Recebeu afinal uma fotografia do morto: não era Tio Tim. Meu pai remoçou dez anos.

Um ano mais tarde, surgiu o caso de um homem que fora encontrado morto numa água-furtada de Baltimore. Não se lhe sabia o nome, mas havia no seu capote a marca da casa comercial que o vendera. Acontece que era esta uma loja da localidade em que morávamos, e o capote apresentava semelhanças com um que meu pai tinha emprestado a Tim.

Meu pai foi a Baltimore, sobressaltado. Viu o morto. Não se tratava, ainda aí, do irmão desaparecido, o que, embora fugazmente, lhe desanuviou a alma.

Os anos foram passando na sua marcha veloz. A cabeça de meu pai se foi fazendo mais branca, e assim a de seus irmãos. Sem Tio Tim para os trazer unidos, começaram a dispersar-se, até que entrou a separá-los a morte. Os sobreviventes não esquecem o canto, a dansa, a música de Tim. Os sobrinhos sabem de cor algumas das suas cantigas. Mas ninguém é capaz de cantá-las como as cantava o tio!

Para meu pai, lembrar-se de Tim era o mesmo que, para mim, recordar-me do canivete que, certo claro dia de novembro, estando eu no mar, vi cair-me das mãos na água escura, sumindo-se para sempre, e deixando-me em tal estado de tristeza qual se levasse consigo, ou representasse em si mesmo, um pedaço reluzente do meu coração. Foi Tim a última palavra de meu pai, na noite em que morreu.

O azogue nunca para quieto; e, se da lâmina resvala para o chão, de balde o procuraremos entre a relva: deve ter voltado ao sol de onde nasceu, e a cujo reino pertence.